

# A Ontologia da *Poiesis* e a Reflexão do Fundamento do Homem em Martin Heidegger

The Ontological of *Poiesis* and the Reflexion about the Man's Grounding in Martin Heidegger

Marcello Eloy Mendes Spinola<sup>1</sup> - Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:** O estudo visa a investigar a essência do fundamento do homem a partir da apropriação da linguagem da *poiesis* (ποίησις) pensada pelos gregos, na estreita relação com a *dichtung* estudada por Martin Heidegger. Esse pensamento denota o processo de produção essencial e de criação original da medida de mundo voltado às possibilidades da existência autêntica e do aprofundamento dos mistérios da vida. Possibilita, ainda, demonstrar a análise heideggeriana da *poiesis* enquanto um projeto iluminador no caminho pensado por sua ontologia, refletindo esse fenômeno como um espessamento da vida que permite ao homem, no vazio das relações habituais, apropriar-se do seu vigor enquanto medida e linguagem e estabelecer suas instâncias de presença, permitindo-o pensar no fundar de um mundo a partir do seu legado histórico, conservando poeticamente sua morada.

**Palavras-chave:** Fundamento; Heidegger; Linguagem; *Poiesis*.

**Abstract:** The study aims to investigate the essence of the grounding of man from the appropriation of the language of *poiesis* (ποίησις) thought by the Greeks, in the relationship with *dichtung* studied by Martin Heidegger. This thought denotes the process of the essential production and original creation of world's measure driven to the possibilities of authentic existence and deepening of life's mysteries. It also allows to demonstrate Heidegger's analysis of the *poiesis* as a illuminating project in the path thought by its ontology, reflecting this phenomenon as a thickening of life and allowing the man, in the void of the usual relations, appropriate its vigor as a measure and language and establishing their instances of presence, allowing him to think a ground of the world from his historical legacy, poetically saving your dwelling.

**Key-words:** Grounding; Heidegger; Language; *Poiesis*.

---

1 Graduando em filosofia (licenciatura) pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; é pesquisador do programa de iniciação científica. Graduado em direito pela UVV (1997) e especialista em processo civil pela UFES, foi pesquisador visitante (visiting scholar) em Criminal Justice System na Mercer University (EUA) / e-mail: [marcellospinola@hotmail.com](mailto:marcellospinola@hotmail.com).

## Introdução

A investigação de uma compreensão da ontologia heideggeriana permite entender a essência do fundamento do homem segundo as formas de apropriação da linguagem. Seguramente, a partir da análise entre a *poiesis* grega e do estudo da *dichtung* segundo as estruturas pensadas por Heidegger, é possível demonstrar a preeminência da *poiesis* como via de acesso ao Ser e o estabelecimento autêntico de vida, denotando uma importância da linguagem enquanto essência do pensamento e instrumento de sua realização, a fim de permitir ao homem a edificação poética de sua habitação.

A partir da análise e do alcance da temática da *poiesis* instrumentalizada pela linguagem, verifica-se a pertinência em remeter o fenômeno, enquanto essência autêntica do agir, ao fundamento do homem, único ente onde a linguagem e a *poiesis* se plenificam em sua totalidade, considerando sua aptidão e destino de relação com o Ser. Vale dizer que o pano de fundo do estudo está voltado às possibilidades de existência autêntica e do aprofundamento dos mistérios da vida, revelando a importância de se empreender tal estudo segundo o pensamento de Heidegger.

Não obstante a aproximação entre *poiesis* e o fundamento do homem, a importância da pesquisa repousa na necessidade de se retomar o pensamento de Heidegger a partir do “fundar” autêntico não esgotado na “*Origem da Obra de Arte*” (HEIDEGGER, 2006b, p. 5-89), não apenas sequenciando a estruturação do tema, mas ampliando o pensamento heideggeriano e compreendendo a *poiesis* como abertura do “*caminho de lenhador*”, até então percorrido por “*Ser e Tempo*”, desvelando uma nova trilha para se chegar ao fundamento essencial.

Por experimentar a *poiesis* como um autêntico espessamento da vida capaz de desvelar o Ser do ente, torna-se possível uma compreensão que permite remeter o homem ao seu fundamento essencial, apropriando a real dimensão e profundidade ligadas a essa essência, denotando como se estrutura a noção de medida como instauração desse fundar, com a finalidade de construção de um mundo conservado nessa essência, onde poeticamente habita o homem.

## 1. O Caminho Ontológico

Não obstante a importância do método husserliano, a redução fenomenológica para Heidegger representava uma via de acesso distinta e preeminente à consciência transcendental pura e extramundana, diferentemente do que ele se propunha com a ontologia fundamental que, diametralmente oposta ao método fenomenológico, centrava a tematização da relação do *Dasein* com o mundo, mantendo essa realidade mundana como fenômeno aberto à análise ontológica. Essa nova dimensão rerepresentava os modos de existência e de relação com o mundo, instrumento substitutivo da consciência transcendental husserliana, denotando o *Dasein*, enquanto ser-do-mundo, o fenômeno da descrição ontológica e o meio de acesso ao Ser.

Nesse contexto, remetendo à análise fenomenológica para a forma de existência que torna possível o Ser, o pensamento heideggeriano abandona a consciência transcendental pura enquanto análise constitutiva, fazendo do *Dasein* seu modo preeminente e privilegiando de acesso ao Ser. Esse ponto de vista de Heidegger se desdobrou a partir dos seus escritos posteriores a 1930 numa clara indicação de um envolvimento muito além do método fenomenológico como aproximação do Ser a partir do *Dasein*.

Essa forma de pensar a fenomenologia, até então produtiva para Heidegger, ganha, após o período de Marburg, uma evidência que o afasta desse método husserliano e, mais tarde, passa a ter um contorno esclarecedor no ensaio “Meu Caminho pela Fenomenologia”, erigido em 1963:

E hoje? Parece que o tempo da filosofia fenomenológica passou. Já é julgada como algo passado, que é apenas consignado ainda historiograficamente ao lado de outros movimentos filosóficos. Entretanto, a Fenomenologia não é nenhum movimento, naquilo que lhe é mais próprio. Ela é a possibilidade do pensamento – que periodicamente se transforma e somente assim permanece – de corresponder ao apelo do que deve ser pensado. Se a Fenomenologia for assim compreendida e guardada, então pode desaparecer como expressão, para dar lugar à questão do pensamento, cuja manifestação permanece um mistério (HEIDEGGER, 1983, p. 301)

A passagem do pensamento heideggeriano traduz uma nova perspectiva que enfatiza a linguagem e a reflexão do poeta enquanto desvelamento do Ser, recolocando a redução fenomenológica sob um aspecto transposto, no qual é possível considerar novas formas de

acesso ao Ser, repensando o elemento fundante do Ser sob um prisma essencial, perspectiva que faz da *poiesis* mais que uma simples forma de linguagem, revelando uma via de acesso autêntica e originária ao Ser, a genuína analítica ontológica.

O homem encontra-se preposto e disposto ao Ser, ainda que, no ente, ele propicie desvelo e velo. O Ser se perfaz na concretização dos entes em particular, ainda que nenhum deles possa esgotar todas as possibilidades do Ser, já que este não se reduz àquele. Ser é traduzido como a plenitude das possibilidades, se dando nos entes desvelados e simultaneamente se velando como possibilidade não desvelada, denominada como “mistério” por Heidegger.

Portanto, o objeto fenomenológico aqui é substituído pelo lugar da *poiesis*, a clareira aberta, o ser-no-mundo e o “Da” do *Dasein*, a fonte originária que, a partir de um acontecimento dominante, apropria o *Dasein* na clareira onde *physis* e *techné* se co-pertencem essencialmente juntas, associando homem e mundo na mesma dinâmica onde a *poiesis* revela o lugar de desencobrimento do Ser.

## 2. Linguagem Original

Segundo a concepção ontológica da linguagem, não é a linguagem que pertence ao homem, mas, antes, é o próprio homem que pertence à linguagem (DUARTE, 2005). Heidegger, ao pensar a essência da linguagem, afirma ser esta a casa do Ser, edificada e disposta a partir do Ser tal como morada da essência do homem:

O homem não é apenas um ser vivo, que, entre outras faculdades, possui também a linguagem. Muito mais que isso. A linguagem é a casa do Ser. Nela morando o homem ec-siste na medida em que pertence à Verdade do Ser, protegendo-a e guardando-a (HEIDEGGER, 2009b, p. 55).

Assim, a linguagem original em Heidegger tem um alcance de expressão direta do Ser, revelando-o, trazendo-o à luz, exprimindo e mostrando, por conseguinte, as coisas, sendo fonte primordial e sustentação destas. Diferentemente é a linguagem derivada, considerada a linguagem humana do ouvir e do corresponder, dotada das fases de resposta e de proclamação (MONDIN, 2005, p. 192).

Nessa perspectiva, a instauração de um projeto interpretativo autêntico do mundo prospector de acesso aos entes se dá a partir da linguagem original permissora da expressão plena do significado das coisas. Essa linguagem original é capaz de fornecer ao homem um acesso pleno ao Ser, no mesmo viés que o Ser, por meio dessa linguagem original, se revela ao homem. No silêncio do Ser, o que ele não pronuncia é o que fomenta e alimenta a palavra na linguagem, caracterizando a originalidade na linguagem que permite o ente se desvelar e se realizar no homem.

Nesse aspecto original da linguagem, emerge o dizer inaugural (Sage) que permite a compreensão da essência da linguagem revelada como valor ontológico e, sob a perspectiva fundamental, possibilitando ao homem a passagem do seu mundo simplesmente sensível para o mundo além da mera representação, junto à ocasião de manifestação do Ser, revelando a sua saga histórico-permissora da sua prevalência enquanto ser-no-mundo (“*Kraft der Sprache und nur Kraft ihrer waltet die Welt-ist Seiendes*”) (HEIDEGGER, 2008, p. 168). O homem tem que ouvir a própria linguagem a fim de que fale propriamente, sendo a poesia a escuta genuína da linguagem. Linguagem original, portanto, é a linguagem da poesia (“*Die ursprüngliche Sprache ist die Sprache der Dichtung*”) (HEIDEGGER, 2008, p. 168).

Essa é a razão pela qual não podemos ser considerados “sujeitos” detentores das questões do mundo. Ao contrário, o mundo das questões que nos constituem, lugar onde o pensamento heideggeriano estabelece que a linguagem fale ao invés do ser humano, sendo que este só fala enquanto corresponde à linguagem (HEIDEGGER, 2003, p. 26). Assim, não é oportuno ao homem estabelecer a construção poética do real sob a equivocada vinculação de “sujeito”, pois lhe cabe sempre a escuta enquanto linguagem poética, ao passo que é a própria realidade que constrói poeticamente o real enquanto agir da *poiesis*.

A poesia enquanto linguagem autêntica e original modula as coisas presentes fundamentando-as no Ser, sendo considerada desocultamento do Ser na palavra e por meio dela. O agir poético se manifesta no extraordinário, além do habitual, do quotidiano, longe da manipulação temporal das coisas. Assim, a palavra poética nos permite habitar na verdade, na *alétheia* do desvelamento do Ser.

### 3. *Poiesis* e Linguagem

O falar enquanto elemento autêntico é uma criação, um acesso ontológico que, por meio da linguagem, denota o caminho de abertura do ente para que ele seja o que é na sua ampla dimensão de possibilidades, ou seja, a via de acesso ao Ser. A *poiesis* é um modo de desvelamento do Ser que propicia uma unidade analógica entre o poeta e o filósofo. É um retorno à iluminação das interpretações dos antigos filósofos gregos pré-socráticos, cujo pensamento fora descontinuado desde Platão.

Heidegger, em “A Origem da Obra de Arte” (2002), apresenta a questão da *poiesis*, provocando um autêntico aprendizado, uma profunda e deleitosa caminhada circular na temática poética-ontológica capaz de remeter um vigor existencial originário. Portanto, a análise fenomenológica empreendida passa a constituir uma travessia existencial a partir do aprofundamento das questões apresentadas, onde a *poiesis* revela a atitude de espera da fala, do silêncio da linguagem e da possibilidade do seu vigor, “*a partir de fora do silencioso domínio que é a fonte do que foi pensado*” (HEIDEGGER, 2002, p. 56).

No referido ensaio, Heidegger propõe a necessária sintonia entre linguagem e *poiesis* enquanto pensamento, denotando a *poiesis* a partir da tradução da palavra alemã *dichtung* (HEIDEGGER, 2010, p. 96; 1952, p. 59, tradução nossa), com sentido literal de inventar, criar, projetar, mas com o universo epistemológico muito mais profundo, numa ação repleta de sentido, sendo apropriado como essência da arte que acontece no lugar de abertura em meio ao ente, cuja abertura faz com que todas as coisas sejam outras diferentes do que eram antes (INWOOD, 1999, p. 168). Antes de um simples atributo estético, presencia-se, nesse acontecimento, uma abertura ontológica de criação e formação, o que implica dizer que *poiesis* representa a manifestação da verdade do Ser no ente.

No pensamento heideggeriano, contudo, o termo é remetido à uma ação limiar, o primeiro instante do acontecimento de transformação. Essa *trans-formação* induz um “*trazer para fora*”<sup>2</sup>, no sentido de “fazer aparecer”, daquilo que Heidegger elenca como iluminação (HEIDEGGER, 2006b), fazendo com que o ente se *trans-forme* em algo diferente de seu elemento anterior, o vir-a-ser de uma borboleta de seu casulo, o genuíno momento do êxtase marcado por algo que se move para longe de sua posição, como uma coisa que se torna outra, o limiar da imprevisibilidade espontânea e repentina.

Tal “*formação*” enigmática e misteriosa é vista como manifestação súbita, marcada pelo momento e completamente formada pelo sentido de transformação, mediante a

---

2 “*bringing-forth*”, cf. HEIDEGGER, 2002, p. 52, nossa tradução.

apropriação de múltiplos fenômenos que se integram e se relacionam para gerar um novo ente disposto à percepção. É na apropriação desse átimo que a *poíesis* se manifesta como o autêntico desvelar dos entes revelados. O aprofundamento do que é verdadeiramente *poíesis* só pode ser representado pela experiência existencial de iluminação, de “*alumbamiento*” (HEIDEGGER, 2010, p. 95), daquilo que modifica permanentemente o ente diante do processo criativo.

O homem é, na lição de Heidegger, “*o pastor do Ser*” (HEIDEGGER, 2009b, p. 51) o que não implica que seja senhor do ente, mas antes, é chamado pelo próprio Ser para o múnus de guarda de sua verdade. Em razão desse entendimento é que Heidegger leciona que o Ser se desvela na linguagem, mas não na linguagem enquanto ciência típica dos entes, nem tampouco na inautenticidade do “*falatório*”, mas tão somente na linguagem autêntica revelada pela poesia, forma mais essencial de manifestação da *poíesis* (HEIDEGGER, 2006b, p. 75). Por isso, a lição de Heidegger na Carta sobre o Humanismo assevera que “a linguagem é a casa do ser [...] em sua habitação [*behausung*] mora o homem [...] os pensadores e poetas lhe servem de vigias” (2009b, p. 24-25).

A vida hodierna, retratada pela decadência e impropriedade do esquecimento do Ser, representa um significante e insondável vazio à espera de ser preenchido de significado e expressão, onde os eventos históricos necessários e construtores da saga singular do homem parecem ter se esvaído de toda reminiscência do seu vigor histórico, se esgotado como “a última fumaça de uma realidade evaporante” (NIETZSCHE, apud HEIDEGGER, 1997, p. 63). Esse esquecimento coloca em risco a própria existência do homem, na medida em que subtrai todo o seu significado essencial e o afasta da linguagem da essência, única via de acesso à sua humanidade.

Mas ainda não é o fim apodítico nietzschiano. A supressão da essência e, portanto, da existência, faz surgir, em meio a toda negatividade, a necessidade de um cuidado, de uma cura, do esforço que Heidegger dinamiza a partir do sentido da expressão alemã *Sorge*. Esse esforço é exatamente o espessamento que a vida reclama, a possibilidade de condensação da realidade, um preenchimento consistente e denso da existência capaz de traduzir a sutileza e agudeza da essência enquanto decorrência de um novo significado da vida, na apropriação do pensamento instaurador do nexos entre a verdade do Ser com a essência do homem, revelando o *Dasein* em seu elemento situacional, o “*Da*” do *Dasein*.

Como já mencionado, é poeticamente que o homem habita esta terra. Mas como procede esse habitar? O que é essa morada? Pela poesia, o mistério do Ser desvela a verdade do homem enquanto Ser-aí, *Dasein*. Isso revela que, no despertar poético, o homem acessa o abismo da alma, onde, no ouvir e dizer poéticos, acontece o desvelamento do sentido do Ser e é revelado o mistério do Ser. Esse é o lugar da essência do fundamento, do fundamento do homem.

#### 4. A *Poiesis* dos Gregos e a *Dichtung* de Heidegger

O alcance da expressão *poiesis* (*ποίησις*) pelos gregos traduz a apropriação do inesperado a partir do esperado, cujo significado cunhado de ação de criação, confecção, produção, foi, mais tarde, expresso como arte da poesia e faculdade poética. O resgate do sentido helênico propiciou uma abertura semântica, alcançando uma atividade relacionada à beleza do espírito.

Sobre o conceito de arte produtiva, Platão expressou o termo *poiesis* de forma bem clara no Banquete (PLATÃO, 2009). Na obra, *poiesis* é um termo que envolve toda a esfera das formas de atividade produtivas capazes de levar do não-ser ao ser. No entanto, Platão passou a chamar os poetas como “criadores” apenas os que se ocupavam de poesia e de música, mesmo se, na realidade, o termo *poiesis* valesse para toda esfera de arte produtiva. Na linguagem comum, Platão aplicou o termo só a uma parte, denominado o todo apenas como parte.

Na República (PLATÃO, 2000), observa-se uma dinâmica diferente tratada por Platão. Nessa obra, a ideia de *poiesis* como criação distante do real está relacionada, na visão de Platão, com as produções artísticas em geral. Segundo ele, no caso da poesia, o poeta cria através do conceito de mimeses, criando a imitação da imitação do real; portanto, a cópia de uma cópia afastada no terceiro grau da verdade.

Embora Platão trate com exclusão a *poiesis* como obra de arte, observa-se que a dinâmica poética significa a forma de trazer essa presença ao mundo como obra. A obra é mais do que uma representação, é ocasião de manifestação do Ser. O lugar do homem perante a obra é a de deixar falar o Ser trazido em obra pelo artista. Nesse sentido, a obra é um fazer



que remete à origem, sendo essa origem o dizer da obra. Por isso, o entendimento platônico de pensar a obra como representação traduz uma perda do seu teor originário.

Anteriormente à expulsão dos poetas da Polis, Platão já expungira a *poíesis* com sua interpretação metafísica do ente (*on*) como *eidōs* e, com ela, a essência do agir fundada no sujeito. Nesse ponto, a metafísica é transformada na questão do sujeito e perpetrada pela modernidade naquilo que Heidegger critica a partir da sua ontologia fundamental. Antes de pretender redimir os poetas como forma de readmiti-los na Polis, o que se pretende é desconstruir a metafísica desde Platão e desestabilizar a relação sujeito-objeto anuladora da compreensão do Ser.

Essa distorção da metafísica desencadeou uma compreensão distorcida da *poíesis*. Esse equivocado legado histórico desnaturalizou a essência da *poien* enquanto verbo do substantivo *poíesis* para o homem habitual. Para os pré-socráticos, a *poíesis* detinha o sentido da essência do agir, não uma mera aplicação da *techné* enquanto instrumentalidade, mas uma obra como criação.

Nesse âmbito, percebe-se que a *poíesis* não é *techné*, embora se faça presente nela. A *poíesis* determina a essência do agir não como um mero conhecimento, embora a *techné* pressuponha a essência do agir. A *poíesis* é mais do que *techné*, o que evidencia qualquer grande obra de arte. A *techné* é, neste ponto, levada ao ápice e transfigurada pela *poíesis*, pelo sentido do agir. Os gregos originários, quando pensavam em *poiein* e *poíesis*, traduziam seus pensamentos na dimensão e no âmbito da essência do agir, horizonte que sempre se pôde falar de *poíesis* enquanto linguagem. Esse é o sentido no qual a *poíesis* como essência do agir é a essência do real, o que lembrado por Hölderlin se traduz: “o que permanece fundam-no os poetas” (HÖLDERLIN *apud* HEIDEGGER, 2005 p. 45, tradução nossa).

*Poíesis* é a realização enquanto *techné* transformadora do objeto, bem como observação enquanto *physis* que contempla a transformação da natureza. Ela é ativa enquanto PRODUZ inspiração na linguagem para a poesia; é ativa por ENCONTRAR deslumbramento na natureza, no desabrochar da flor; é ativa por se EMOCIONAR no discurso silencioso da música.

Traçando uma outra dimensão a partir do pensamento platônico, entende-se que o Ser se mostra oculto na linguagem poética, porque o poeta não imprime nela um instrumento representativo, mas uma autêntica possibilidade de gerar a verdade do ser. A palavra grega *poíesis* (*ποίησις*) expressa o ato por meio daquilo que vem a ser produzido, criado, revelado

em sua espontaneidade. Assim, o homem enquanto subsumido pelo alcance do *logos* (*λόγος*) se comporta como articulador do movimento de realização do Ser, aquele que o ausculta, o acolhe. Aqui a poesia se materializa nesse ato, nessa medida do dizer poético que ouve o *logos* e desvela a fala poética a partir do silêncio.

Na Grécia antiga, pensar a obra (*ergon*) era estruturar o modo de ser da *poiesis*. Em Aristóteles, a *poiesis* percorre o tríade caminho de criação: da *dinamis* (aptidão), da *energer* (realização) e da *intelecta* (*telos* da *dinamis*), tudo capacitado na junção da *technè*: na escultura, a escolha do mármore de acordo com o corpo que se pretende esculpir. Para os gregos (HEIDEGGER, 1997), a arte não era apropriada pela observação empírica, mas pela experiência poética a partir do *logos*. A *physis* se manifesta no *logos*, e o Ser da *physis* está na linguagem. A arte, assim, denotava a experiência poética da linguagem. Portanto, temos 2 modos de compreendermos a *poiesis* a partir dos gregos: pela *physis*, enquanto produção de si mesma, e como *technè*, pela intervenção da ação humana.

Por outro lado, *poiesis*, enquanto poética da criação, não é um mero representar ou uma imaginação do real, mas a abertura que traz o ente para o iluminar, para o ressoar que ilumina o obscuro mantendo-o na sua potência de articulação velada. No homem, a *poiesis* acontece como projeto essencial de desocultamento da verdade do ente humano, desvelando o ente na abertura do Ser. Daí que a essência da *poiesis* como iluminação se dá a partir do pensamento originário, pois é na *poiesis* que o ente escuta e, justamente porque escuta, se oculta e se retrai, instaurando seu movimento de articulação. Por isso que, pela *poiesis*, é preciso pensar também os limites não-produtivos da própria produção, que, para Heidegger, tais limites precisam ser encurtados, adensados, para serem pensados produtivamente enquanto vínculo essencial. Isso porque essa estrutura de agir produtivo precisa ser pensado não na relação do objeto criado, mas na cura, no interesse do próprio agir, ao contrário da autonomização produtiva da técnica.

A *poiesis* e, portanto, o poético, constitui o lugar metafísico da poesia. Nessa concepção, partindo do gênero literário da poesia enquanto forma de linguagem privilegiada segundo Heidegger, sua estrutura física é composta pelo verso, a obra. De outro lado, sua poética **não** pode ser definida ou encerrada em um ou em outro verso, mas será na sua **aproximação** por onde vibra a essência, o vigor da obra, que o fundamento da disposição poética promoverá o ritmo do dizer poético, do dizer inaugural. Esse dizer, para Heidegger, se relaciona com a *poiesis* por meio da palavra *dichtung*.

*Dichtung* é uma palavra em alemão que deriva de *dicht* que significa “dizer”. Já *dichtung* traduz uma compactação, um adensamento, uma reunião, um inteirar desse “dizer”, um apropriar por inteiro do dizer; porque as palavras se juntam, se reúnem, a composição do discurso é uma *dichtung*, onde a inteligência dessa inteireza do dizer é expresso pela *dichten*. Assim, o fundamento ontológico da linguagem é a fala. Portanto, o poético não é estético, mas ontológico. O poético preserva o conteúdo ontológico da obra, ao passo que o simples gozo estético esvazia o ontológico artístico, se distanciando da essência da obra e, portanto, da *dichtung*, da condensação do dizer, a *verdichtung*.

Para Heidegger, a poesia mantém uma relação de essencialidade com o homem, por propiciar a linguagem de forma essencial, sendo que somente o homem é capaz de se essencializar na linguagem. Por isso, no alemão há a palavra para designar o poema, ou seja, o gênero poético literário (*poesie*) e a palavra *dichtung* que se conecta ao dizer do poema, o dizer espesso e adensado que move o poema, ligado à noção de *poíesis*, segundo lição em “A Origem da Obra de Arte” (HEIDEGGER, 2010), pela sua conotação de aparecimento, iluminação. *Dichtung* liga-se à *poíesis* pelo seu espessamento, porquanto promove a intensificação da verdade, mostrando o abismo da existência, onde todo ente se torna mais ente, todo o real se intensifica, onde a arte põe em obra a verdade.

## 5. Fundamento Essencial

O repensar a metafísica proposto por Heidegger sugere, portanto, uma maneira de investigar o Ser. Porém, quando se pergunta por algo, busca-se o seu princípio, o seu fundamento, revelando a proeminência da questão. Nesse complexo, pode-se questionar acerca do significado do homem para Heidegger, vindo de plano a resposta peremptória: é um *Dasein*, um Ser que se encontra aí. Todavia, a natureza humana encontra-se despojada de qualquer atributo estável, revelando o que somos como algo que está suspenso no vazio. O homem, portanto, não é um mero observador no espetáculo do mundo: ele está envolvido nele e, podendo transformar o mundo, esse homem forma e transforma a si mesmo.

No dizer do poeta, instaura a fundação da existência humana, compreendendo o fundar

como a abertura do Ser, o “*bringing-forth*”<sup>3</sup> do mundo, o mostrar e iluminar a essência das coisas. Sendo a poesia o pensamento original do Ser, a *poiesis* é a raiz, o princípio da arte, a compreensão que coloca em obra a verdade do Ser; daí, é possível compreender a relação existente entre poesia, linguagem e fundamento, restando elucidar o alcance deste último.

Para tanto, nos remetemos<sup>4</sup> ao fundamento da história que se dá no curso da constituição do Ser do homem enquanto ser-no-mundo. Nessa concepção, a história não se determina apenas como acontecimento cronológico do passado, mas, antes, traduz o discurso constitutivo da existência do homem, a partir dos modos orientados desse existir em sua plenitude. Esse discurso constitui a compreensão do destino do *Dasein* determinado pelo poder-ser da linguagem desse Ser-no-mundo. Nesse fundamento, o homem se destina à linguagem tanto a partir do seu poder-ser fático como pela possibilidade do seu caráter destinado.

O horizonte norteador de Heidegger para essa tripla investigação filosófica (linguagem, poesia e história) é dada pela inspiração de Hölderlin a partir do pensamento: “cheio de mérito, poeticamente o homem habita” (*apud* HEIDEGGER, 2006a, p. 168). Esta citação possui um sentido que permite questionar o existir humano a partir do fundamento da citação tripla dos fenômenos analisados, permitindo elevar a uma perspectiva que propicia a apropriação da totalidade ligada à existência originariamente conectada ao homem, capaz de determiná-lo a todo instante silenciosamente e de forma imperiosa.

O local do fundamento, da gênese essencial do homem no seu vigor virginal, é exatamente o modo situacional onde a *poiesis* detém a capacidade de atuação de forma originária e autêntica. O lugar de encontro da real essência da verdade não está estabelecido no nível habitual onde o homem acha-se transformado por uma pseudorealidade inautêntica. Antes, a clareira fundacional do homem é revelada por sua habitação sagrada, na sua inocente e lúdica nudez, lugar ainda não profanado pela metafísica tradicional nem violado pela voracidade da técnica. Essa é a essência do fundamento do homem, a via de acesso ao Ser.

Só por estar constitutivamente aberto ao Ser, pode o homem ter experiências e realizar obras poéticas. É nesse campo situacional que o “projeto de iluminação” (HEIDEGGER, 2006b, p. 73) para abertura do Ser se plenifica em sua totalidade, fundamento onde o homem

---

3 “*trazer para frente*” no sentido de aparecer, eclodir, cf. HEIDEGGER, 2002, p. 52, nossa tradução.

4 Se “remeter” está no sentido de “tomar como referência, “referir-se”, então deve ser pronominal, podendo ficar “nos remetemos” ou “remetemo-nos”, a gosto do autor.

afirma sua presença no mundo, tornando possível a manifestação do próprio Ser e do Ser das coisas por meio da *poíesis*. Nesse enfoque, o pensamento e a poesia se unem na co-pertença dos extremos um do outro, sendo que a única forma de fala genuína é na linguagem, e o poema é a fala da linguagem (HEIDEGGER, 2003, p. 12; 14; 133). O poeta, ao receber o reflexo do mundo, o coloca no interior do que é dito, de modo que o pensador e o poeta são os protetores verdadeiros da palavra na linguagem.

Por isso que, nesse âmbito poético, a filosofia deixa de ser epistemologia e se torna uma experiência de pensamento poético. Enquanto linguagem, o pensamento originário pode ser considerado indubitavelmente poético, no qual *poíesis* e pensamento tornam-se experiências de linguagem no âmbito onde permite-se decidir, desde sempre, o ente humano, traduzindo a *poíesis* como um retorno ao fundamento do homem, uma via de acesso clara, autêntica e permanente à essência do seu fundamento por meio de um espessamento.

Por isso, esse espessamento infere a intensificação da verdade. O chamado poético reclama a superação do poema, a fim de promover o encontro ontológico da arte, realizando uma estranheza tão radical no homem, que tira a causa da compreensão cotidiana e a remete a uma compreensão relacionada à Verdade do Ser. Por isso que o súbito do acontecimento-apropriante (*Ereignis*) não é um instante cronológico, uma passagem calculada, mas um subitâneo da experiência do Ser da linguagem. É nesse sentido que a arte provoca uma memória fenomenológica, filosófica, mostrando o abismo da existência, o espanto que promove o questionamento; o hábito é oposto a esse espanto, ele promove a decadência e a trivialidade das relações habituais, motivo pela qual a arte nos tira do trivial e nos remete ao espanto.

Ela (a arte) põe em obra a verdade numa remessa para um âmbito onde o ente se torna mais ente e o real se torna mais real. Nesse sentido, o poético não te acrescenta coisas, não te coloca elementos ou sentimentos, mas os retira, move a partir do utente, não para o utente, invocando sentidos mais originais e essenciais. A poética não nos veste, mas nos despe, nos expondo à estranheza. Daí porque o poético não é a compreensão, mas a experiência que constitui a origem da linguagem do Ser-ai histórico do homem. Assim, a poesia não é um mero artifício da linguagem, mas sua absoluta essência, porquanto constitui o modo de ser da linguagem em sua conotação mais própria (HEIDEGGER, 2004, p. 67), constituindo, por conseguinte, a essência do fundamento do homem enquanto um ente histórico. Por isso, a essência poética é a medida da **cadência** do homem, ao passo que a essência não poética

representa o oposto decadencial; é nesse elemento que se infere que o *pathos* faz do poema o poético. A linguagem sem *pathos* afetivo é mera narrativa, nada pode, não transforma, não edifica: constitui a decadência da linguagem.

A poesia é, portanto, considerada, por Heidegger (2003), a instância fundamental, pois plenifica a linguagem em seu sentido originário, constituindo a essência da linguagem. Nesse âmbito, o poético se constitui numa potência linguística que possibilita trazer o Ser à fala pelo modo do pensamento. Nessa medida, a *poiesis* é uma fala, um dizer inaugurante, e a linguagem é o acontecimento deste narrar inaugural surgido a partir na manifestação histórica do ente. Portanto, pode-se inferir que o trabalho da poesia é indicar a instância metafísica de constituição ontológica. Por isso, é preciso perder o poema para alcançar sua filosofia (ontologia).

Daí, que, em época de indigência, os poetas precisam fazer poesia da poesia, estruturação da *poiesis*, como meio para lembrar, recolocar os homens na reflexão sobre a poética, no fomento ontológico, na apologia filosófica. Por isso há muita similitude entre a filosofia e o pensamento poético (HEIDEGGER, 2009b). Essa similitude não é da ordem do igual, mas pela diferença que elas se fundam. A fenda abissal de onde nasce a filosofia e a poesia é também a instância de aproximação entre a filosofia e o pensamento.

O poder ontológico da linguagem manifestado no estado poético e que nos abre ao Ser, nasce do súbito da obra na totalidade, mas também em uma universalidade sem o detalhamento de suas nuances. Por isso possibilita sua produção na visão do invisível que precisa se tornar visível, no pôr-se em obra. Por isso que, na poesia (poema), os versos compõem o físico, a obra, mas sua poética não se confunde com um ou outro verso, mas a apropriação onde vibra o vigor da obra, o fundamento da disposição poética que promove o lugar ontológico da arte em sua totalidade. Portanto, o sentido desse caminho é da obra em direção à poética, a fim de, superando a obra, se possa evidenciar ela mesma na revelação do poético.

O caminho ontológico da *poiesis* trilha o ingresso, o salto, na esfera de poder da poética, numa autêntica relação de circularidade, alcançando o poético da linguagem. Para Heidegger, a poesia está ligada ao fundamento do homem na medida em que compõe o Ser-aí histórico dos povos, revelando o poetizar enquanto o dizer a revelação inaugural de exposição do Ser, apropriando-se o que se é, inaugurando destino. Nesse ponto que a diferença ontológica se aplica enquanto questionamento pela poesia do poema, pelo trágico da tragédia,

sendo o poema um ente e permitindo que a poesia não seja um ente, mas uma experiência existencial.

Essa experiência poética restitui ao homem a sua propriedade, cuja ação própria da linguagem consiste em transformá-lo, revelando o poder ontológico da linguagem. Essa experiência transforma o homem no que ele é essencialmente, no seu horizonte de compreensão das coisas enquanto ente histórico e situado. Por meio desse entendimento, Heidegger entende que o Ser-aí poético, enquanto experiência ontológica da arte, não se resume como um descritor crítico da arte, um agente do "falar sobre" a obra, mas uma potência que situa no interior do homem a possibilidade de pensar seu acontecimento com a capacidade de retirá-lo do domínio do sujeito. Sob esse aspecto, a *poíesis* é denotada como potência da relação fundante entre homem e mundo.

Por fim, pode-se inferir que a arte, enquanto pensada pela *poíesis*, não é a verdade, mas promove o acontecimento da verdade na experiência existencial com a capacidade de promover uma transformação. É justamente por promover uma transformação, que a arte precisa ser pensada como fundamento a partir de uma concepção ontológica.

## Conclusão

A proposta da apropriação da *poíesis* vem como a possibilidade de um interferir autêntico na relação do homem com o Ser-no-mundo, uma reabilitação da memória originária do homem capaz do resgate de seu historicismo, da sua faticidade. Perceber que esqueceu, consoante o pensar agostiniano e lembrar que necessita do encontro do que já se esqueceu, nesse caso, o esquecimento do ser, é o motor que resgata aquilo que o homem frequentemente esquece em sua essência. Daí a relação entre *poíesis* e *saga* (*Sage*), o clamor do dizer inaugural que permite compreender a essência da linguagem, remetendo a humanidade ao homem, ao seu fundamento.

Portanto, *poíesis* enquanto nexos da verdade do Ser com o fundamento do homem, permite o espessamento da existência onde o que é possível se torna necessário, o mais íntimo resgate da essência através da linguagem. Essa reconstrução, que dimensiona a medida do mundo, proporciona ao homem resgatar o seu fundar, o abismo sem fundo, o "afundamento", onde a *poíesis* se abre à representação, remetendo-o ao caminho ontológico de

desencobrimto do Ser. É nessa relação fundante que se encontra a relação fática com o pensamento, na dinâmica de pensar a linguagem na dimensão da existência e na restituição do seu sentido original, evidenciando a ligação da essência do homem à verdade do Ser capaz de devolver as experiências originais instauradas pelos acontecimentos apropriativos.

Concluindo, a partir da citação de Hölderlin, segundo a qual: “*o que permanece, instituem-no os poetas*” (apud HEIDEGGER, 2005 p. 45, tradução nossa), o estudo permite instituir aquilo que permanece, o que é capaz de resguardar a linguagem em face da dispersão habitual, protegendo a palavra essencial que nomeia o Ser a partir do real. *Poiesis* é aqui constituída como instituição originária do Ser mantida na palavra, remetido, portanto, à fundamentação histórica do homem. Nesse fundamento, a arte surge como resposta, no momento que a vida, por si só, já não é o bastante.

## Referências

DUARTE, André. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 07, n. 1, p. 70-100, 2005.

DUBOIS, Christian. Heidegger: introdução a uma leitura; tradução Bernardo B. C.Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

INWOOD, Michael. *A Heidegger dictionary*. Massachusetts, USA: Blackwell, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*; tradução de Márcia S. C. Schuback. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Aclaraciones a la poesia de Hölderlin*; versión de Helena Cortés y Arturo Leyte. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *Conferências e escritos filosóficos*; tradução de Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. *El origen de la obra de arte*. In: \_\_\_\_\_. *Arte y poesia*; trad. De Samuel Ramos. 2. ed. México: FCE, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. 7. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Hinos de Hölderlin**. tradução de Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.



- \_\_\_\_\_. Holzwege. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1952.
- \_\_\_\_\_. Holzwege. Sentieri erranti nella selva; a cura di Vincenzo Cicero. Milano, Itália: Bonpiani, 2006b.
- \_\_\_\_\_. Introdução à metafísica; tradução de Mário Matos e Bernhard Sylla. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- \_\_\_\_\_. Lógica: a pergunta pela essência da linguagem; tradução de Maria Adelaide Pacheco. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2008.
- \_\_\_\_\_. Off the beaten track; translated by Julian Young and Kenneth Haynes. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. Platão: o sofista; tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.
- \_\_\_\_\_. Que é isto? – a filosofia: identidade e diferença; tradução de Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006c.
- \_\_\_\_\_. Ser e tempo; tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.
- \_\_\_\_\_. Sobre a questão do pensamento; tradução de Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a.
- \_\_\_\_\_. Sobre o humanismo; tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009b.
- MONDIN, Battista. Curso de filosofia, vol. 3. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- PLATÃO. A república; tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- \_\_\_\_\_. O banquete. tradução de Albertino Pinheiro. 3. ed. Bauru, SP: Edipro, 2009.

**Submetido em: 23/02/2014**

**Aceito em: 15/12/2014**